
NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

Signos de nueva evangelización: testimonios de la Iglesia en América Latina 1983-1987. /Seleção e elaboração Ana Gispert-Sauch; Pedro De Guchteneere. Introdução Gustavo Gutiérrez. — Lima: CEP, 1988. 575 pp., 21 x 19,2 cm.

Este é o quinto volume de testemunhos da Igreja na América Latina (AL) que CEP vem publicando desde há alguns anos (cf. *Persp. Teol.* 16 [1984] 140). O presente volume seleciona documentos dos anos de 1983 a 1987, textos de grupos de cristãos, comunidades, agentes de pastoral, bispos... A tônica: uma evangelização nova, porque encarnada na realidade.

Um primeiro bloco traz textos referentes aos "que nunca tiveram vez: jovens, mulheres e negros". O Brasil está aí representado pela mensagem da CNBB aos jovens (1985) e pela primeira parte do texto-base (TB) da CF88 (negros). Destaque-se neste bloco a mensagem de Mons. Enrique Hesayne, bispo de Viedma (Argentina) às "mães da Praça de Maio" (34s) e a homilia de Mons. Bartolomé Carrasco, arcebispo de Oaxaca (México), sobre Guadalupe e a mulher, em que denuncia com veemência o machismo (38-48).

Um segundo bloco coleciona textos sobre a questão indígena e sobre os camponeses. O Brasil está bem representado pelos TB da Semana do Índio 83 e 84, pelo apelo de 96 bispos em favor de reforma agrária urgente, feito por ocasião do Congresso Eucarístico de Aparecida (1985) e pela denúncia de alguns bispos do Pará contra os abusos da PM na área de suas dioceses (1987). Como destaque, ressaltam-se os belos testemunhos de Mons. Samuel Ruiz, bispo de Chiapas (México), sobre seus 25 anos caminhando com os povos indígenas (111-117), e de Mons. Leónidas Proaño, bispo emérito de Riobamba (Equador) (170-173).

Um terceiro bloco reúne posicionamentos eclesiais sobre "as novas vítimas do sistema: refugiados, exilados, deslocados, torturados, desaparecidos". Do Brasil temos a carta de D. Pedro Casaldáliga na visita aos refugiados guatemaltecos no sul do México (1987). São dignos de especial menção quatro textos de Mons. Jorge Novak, bispo de Quilmes, uma das figuras mais significativas do episcopado argentino, por seu destemor na defesa dos direitos humanos. Destaque-se dois desses textos sobre discussões cruciais no processo de democratização argentino: a lei do "ponto final" (241-246) e a questão da "obediência devida" (260-262). São modelos de pronunciamento episcopal claro e clarividente frente a questões candentes e discutidas.

Um quarto bloco reúne tomadas de posição frente a desafios históricos como o desemprego, a paz, o diálogo, a dívida externa, a violência... Do Brasil temos a carta do Cardeal D. Paulo Evaristo Arns sobre a dívida externa (1985). Sumamente significativos são os textos sobre a reconciliação oriundos da Nicarágua (290-305). O episcopado havia escrito uma carta pastoral, propugnando diálogo incondicional do governo com os "contra". Sobre ela tomam posição três grupos de religiosos: os jesuítas, os dominicanos e os franciscanos, discordando em santa liberdade do posicionamento unilateral dos bispos.

Um quinto bloco se refere às CEBs, colecionando textos resultantes de encontros de CEBs ou dirigidos às CEBs. Entre eles o testemunho dos bispos presentes ao encontro de Canindé (1983) e o documento final do encontro de Trindade (1986).

Um sexto e último bloco aborda "a tarefa sempre velha e sempre nova da evangelização que deve ser fiel especialmente — como expressou João Paulo II — à causa do pobre, de sua dignidade, de seus direitos e de sua aspiração a uma improrrogável justiça social" (apresentação, p. VI).

O volume é introduzido por uma reflexão de Gustavo Gutiérrez intitulada "O Evangelho da libertação" (p. XVII-XXIII). No conjunto, um belo incentivo à "nova evangelização" do Continente, a partir daquilo que já está acontecendo.

Francisco Taborda S.J.

WINLING, Raymond: *La Teología del Siglo XX: la Teología Contemporánea (1945-1980).* / Tradução do original francês por A. Ortiz García. — Salamanca: Sígueme, 1987. 369 pp., 24x17 cm. (Coleção: el peso de los días; 23). ISBN 84-301-1022-4

Esta obra se situa dentro de uma literatura relativamente abundante de estudos sobre as diferentes tendências teológicas atuais. Na introdução o A. se refere às principais dessas obras, e mostra sua diferença, ao escolher sobretudo o ângulo histórico. Ele intenta apresentar a evolução da teologia entre 1945 e 1980 em função de um plano estritamente cronológico. Procura chamar atenção sobre as linhas mestras e eixos centrais, em torno dos quais giram as investigações teológicas.

Esse período é dividido em três partes:

- de 1945 a 1958: período dominado pela figura do Papa Pio XII (+1958), em que a teologia se caracteriza por uma tensão não raro dolorosa entre a "teologia oficial" e uma teologia renovadora;
- de 1959 a 1965: a atividade teológica se polariza em volta do Concílio Vaticano II e já começa a estudar seus documentos à medida que vão saindo;
- de 1965 a 1980: a teologia tenta avançar sobre os documentos do Concílio, aprofundando temas não trabalhados a fundo pelo Concílio e enfrentando situações novas, acontecendo verdadeira "explosão da teologia".

O eixo escolhido pelo A. é a evolução da teologia católica, mas em diálogo com as principais correntes protestantes e ortodoxa. O próprio A. reconhece que a primeira parte centra-se nas produções teológicas da França, Alemanha e Bélgica, onde de fato se deu esse primeiro processo de renovação. A terceira parte já reflete a produção teológica fora do âmbito centro-europeu.

A natureza da obra é de síntese e não de análise. Isso significa que ela se atém ao essencial, deixando ao leitor aprofundar e ampliar seu conhecimento através de abundante bibliografia. Um excelente índice geral dá uma idéia bem completa dos aspectos tratados. Além disso, um outro analítico facilita o acesso aos temas teológicos abordados. Num livro dessa natureza, teria sido muito útil um índice de autores.

É uma excelente obra de consulta. Na primeira parte, o A. traça um quadro amplo da situação, escolhendo alguns fatos fundamentais e movimentos de idéias mais importantes, para situar a atividade teológica nos seus primeiros esforços de renovação. Assim para cada parte, ele retrata de novo as mudanças da realidade, para a partir delas fazer entender melhor as correntes teológicas.

Fazer uma recensão crítica de tal obra é extremamente difícil. Sobre cada ponto pode-se objetar, quer omissões, quer acentos diferentes, quer avaliações outras. Dependerá do lugar em que se faz a crítica e dependendo dos conhecimentos de que o crítico dispõe. Assim, p.ex., quando se lê a parte referente à América Latina, percebem-se lacunas, alguns dados equivocados (E. Pironio é chamado de arcebispo de Buenos Aires). A opção pelos pobres e o fenômeno da irrupção dos pobres, que são absolutamente fundamentais para entender a teologia da libertação, praticamente não são mencionados. A teologia da libertação parece muito mais ligada à revolução que a seu aspecto teológico de experiência de Deus nos pobres.

Assim, de cada tema, um crítico poderia notar essas omissões, ou diferença de acentos. Entretanto a finalidade da obra é oferecer uma idéia ampla que ajude a uma primeira aproximação do tema. Nesse sentido, ela tem abundante e rico material. Aparece no livro uma nítida preocupação didática. Frequentemente o A. oferece pequenos esboços das características de uma teologia, de uma tendência, que facilitam a sua inteligência.

O livro vem ajudar muito aos que querem situar-se nesse mare magnum teológico atual. Oferece parâmetros de compreensão. Os alunos de teologia e leigos curiosos poderão ler com proveito e assim imergir-se nesse mundo da gigantesca produção teológica. O A. tentou realmente abarcar uma época teológica de enorme dispersividade temática e de perspectiva. Por isso, sua tarefa foi ingente.

J. B. L.

LONERGAN, Bernard: *Método en Teología.* / Tradução (do inglês) por Gerardo Remolina. — Salamanca: Sígueme: 1988. 390 pp., 21 x 13,5cm. (Coleção: verdade e imagen; 106). ISBN 84-301-1053-4

É realmente um mérito para as Ed. Sígueme ter lançado para o público de língua espanhola a tradução desta monumental obra de metodologia teológica do teólogo jesuíta canadense e antigo professor da Universidade Gregoriana de Roma, falecido em 1984. A obra apareceu pela primeira vez em 1971 na Editora Darton, Longman & Todd, Londres. Talento especulativo, de um excelente background em ciências exatas, soube ser na teologia uma presença original e profundamente marcante. Ainda que sua influência seja muito mais expressiva e profunda no mundo cultural anglo-saxônico, é, porém, um autor original e penetrante cuja influência ainda se faz sentir para além daquelas fronteiras lingüísticas.

A maioria dos maiores teólogos da atualidade dialoga sobretudo com interlocutores da modernidade, vindos do mundo das ciências humanas, filosóficas, sociológicas, antropológicas, psicológicas. Lonergan, porém, conhece muito o setor

das ciências exatas e com elas dialoga. Ele fez-se mundialmente conhecido por seu livro *Insight*, que teve traduções em diversas línguas. Obra mais filosófica que teológica.

Durante anos ensinou tratados fundamentais na Universidade Gregoriana, tais como sobre Deus, sobre Jesus Cristo, escrevendo manuais em latim para seus alunos. Neles mostrava uma penetração e densidade enorme. Como eram livros escolares e escritos numa língua não-comercial, ficou despercebido como teólogo até que lançou esse livro de metodologia teológica, seguido de outras obras de cunho estritamente teológico.

Não tem sentido recensear um livro que já é alvo de tanta discussão, longos artigos. Cabe aqui assinalar somente o aparecimento de sua tradução em língua castelhana e recordar para os menos afeitos a tal temática a relevância e importância do autor. Para maiores informações sobre a repercussão do livro, quando de sua aparição e primeiras traduções na década passada, pode-se consultar:

W. Van Roo, "Lonergan's Method in Theology", in: *Gregorianum* 55(1974)99-150; G. Sala, in: *Civiltà Cattolica* 1972 IV 468-477; 1973 I 329-341; 553-567. Do mesmo autor é a introdução da edição italiana (Queriniana, Brescia 1975) e um outro artigo publicado em: *Rassegna di Teologia* 26(1985) 529-562. A edição francesa aparece em 1978 (du Cerf/Fidès, Paris). Ver a recensão em: *NouvRevTh* 102(1980) 125-6. Através dessas poucas indicações o leitor poderá dar-se conta do porte da obra.

Mais que simples leitura, o livro é feito sobretudo para estudo, cursos monográficos, em que se pode debater com maior amplitude a originalidade metodológica de B. Lonergan. A literatura teológica espanhola conta já com mais esse instrumento de estudo e reflexão teológica.

J. B. L.

BENTUÉ, Antonio: *La opción creyente: introducción a la Teología Fundamental.* — Salamanca: Sígueme, 1986. 334 pp., 21x13,5cm. (Coleção: lux mundi; 62). ISBN 84-301-1010-0

A editora espanhola Sígueme lança este livro que já apareceu no Chile em 1981. Além de uma apresentação tipograficamente muito superior, esta nova edição apresenta algumas modificações em relação à edição chilena. Esta nota pretende simplesmente constatar tal reedição, já que o livro continuou substancialmente o mesmo e dele já se fez uma recensão nesta revista (*Persp. Teol.* 14 [1982]260-263).

Assim, o A. acrescentou uma interessante reflexão sobre a práxis como critério de verificação de validade da Palavra, com uma nota. Prolonga também a reflexão sobre o homem no mundo de hoje com um parágrafo sobre alienação e opressão.

Em alguns lugares, ele faz outra divisão, acrescentando alguns parágrafos de transição, que facilitam a leitura. O tema do mito e rito recebeu substancial acréscimo. A cristologia fundamental também foi ampliada. Mas as maiores alterações se deram na ordem da matéria. O livro ficou muito melhor estruturado. Passagens que

estavam em lugares diferentes foram ordenadas de maneira mais didática e lógica. De fato, esta nova edição supera a anterior e se deixa recomendar.

Enfim, em outros lugares o A. fez retoques que atualizaram o texto. Continua ainda uma ausência relativamente grande de teólogos da América Latina. No índice dos autores citados, não aparece o nome de L. Boff nenhuma vez. Basta essa mostra e pelo simples compulsar dos nomes percebe-se que o A. trabalha mais com a teologia européia, ainda que ele deseje fazer teologia a partir de nossa realidade. O Concílio Vaticano II recebe a devida atenção, assim também como Medellín e Puebla.

J. B. L.

DUCHROW, Ulrich – LIEDKE, Gerhard: *Schalom: der Schöpfung Befreiung, den Menschen Gerechtigkeit, den Völkern Frieden.* Eine biblische Arbeits-hilfe zum konziliaren Prozess. – Stuttgart: Kreuz Verlag, 1987. 251 pp., 20,5x 12,5cm. ISBN 3-7831-0887-X

O subtítulo “para um processo conciliar” vem responder ao apelo que a VI Assembléia do Conselho Ecumênico das Igrejas de Vancouver (1983) fez para um “processo conciliar de obrigação mútua em relação à justiça, paz e conservação da criação” e que o *Kirchentag* de Düsseldorf (1985) retomou no sentido de convocar um Concílio da paz.

Tal apelo vem responder a uma consciência de que não se pode continuar assim como estamos, com a destruição da criação, com o enriquecimento à custa dos pobres, com o armamentismo assassino. Mais. Trata-se de uma questão fundamental da fé de um lado e doutro já há certo cansaço por parte de cristãos diante da grandeza das dificuldades. Por isso, é importante abordar tal questão.

O A. segue o método, como ele mesmo diz, usado pelas comunidades eclesiais de base na América Latina, de ver-julgar-agir, para saber o que Deus nos fala hoje e como ele atua, quais as forças que se opõem a Ele e como devemos enfrentá-las.

Uma primeira parte do livro leva-nos a ver a situação. O A. selecionou dados impressionantes sobre a destruição da criação, a opressão das pessoas, a beligerância entre os povos e a posição eclesiástica à luz desses problemas quer de concordância, quer de conflitos.

Usando gráficos, pequenos desenhos, estatísticas, o A. pinta-nos com cores vivas a situação atual nos pontos acima mencionados. Quem se preocupa com a problemática ecológica, pode ter uma percepção bem visual das ameaças de destruição que nos cercam. Dados estatísticos servem também para visualizar o fenômeno da opressão. Não são frases retóricas, mas números, realidades. Os dados sobre as guerras recentes, número de mortos, etc. também impressionam. Ele resume essa situação em três palavras: criação destruída, injustiça e beligerância.

Ao referir-se a certos encontros de Igrejas, consultas ecumênicas e internacionais, o A. observa que se constatarem concordâncias sobre vários pontos, tais como um caminhar do mundo para a catástrofe, se continuar assim, a relação entre o amor de Deus e sua manifestação sob a forma de justiça, paz e conservação da

criação, e em inúmeros outros pontos. Entretanto há posições entre cristãos que desafinam, ao afirmar-se que o Deus da Bíblia não tem nada que ver com política e economia. Uns vão mais longe: com pseudo-argumentos cristãos apóiam e justificam a injustiça, a militarização e a destruição da natureza, semelhantemente aos cristãos no tempo do nazismo. A parte ecológica foi até hoje a menos trabalhada. No campo da justiça, há o escândalo do racismo, o Apartheid, que provoca conflito entre os cristãos.

A parte mais longa e substancial do livro é a reflexão bíblica. Num primeiro momento, procura-se partir já não mais de uma visão idílica da criação, como se tudo "estivesse/fosse" bom, mas do triste fato de que há um sofrer da criação, que adveio pela crescente força destruidora do homem moderno diante da criação não-humana. Portanto trata-se de pensar uma "libertação da e para a criação". Há um projeto amoroso de Deus sobre a criação, uma fidelidade sua no sofrimento da criação provocado sobretudo no ocidente pelas ciência e técnica modernas. É responsabilidade do homem em relação a esta criação machucada, não tanto o que diz a narração do Gênesis na linha de submeter a natureza, mas o que se diz depois do dilúvio (Gn 6, 11-13) na linha de diminuir o poder do homem e aumentar a promoção da vida.

Uma segunda parte teológica trata da justiça libertadora de Deus frente a tanta injustiça e idolatria. A responsabilidade do homem se traduz também na mesma direção da reflexão anterior, de diminuir o seu poder e aumentar a promoção da vida.

A terceira parte teológica retoma a mesma estrutura em relação à paz num mundo ameaçado por tantas guerras. A responsabilidade do homem se traduz mais uma vez no diminuir seu poder e no promover a vida.

No referente ao agir, o A. elenca múltiplas formas para o ser Igreja, se se leva em consideração a história da Igreja. Há uma forma jesuana, primigênio-cristã e em prol da paz. Outra se traduz mais na dimensão litúrgica, eucarística e contemplativa. Uma terceira maneira de ser Igreja contempla o aspecto de grande Igreja. Finalmente, há uma maneira libertadora de ser Igreja. Estas maneiras de ser Igreja, que se deram ao longo da história, servem para iluminar e inspirar a prática atual dos cristãos.

Um apêndice nos oferece exemplos de Igrejas que se empenham na luta pela ecologia, pela justiça e paz no mundo. Este livro é um sinal de esperança. De dentro do mundo rico e desenvolvido, ouvem-se vozes que batalham por causas que superam os interesses imediatos dessas nações. Mais. Muitas vezes contrariam-nos. O livro é interessante e útil pelos três aspectos do método. No ver, informa; no julgar, quebra lugares comuns da exegese, abrindo novas perspectivas; no agir, desperta as Igrejas, oferecendo exemplos concretos.

J. B. L.

DIOCESE DE SANTARÉM: *O Batismo* na Bíblia e na história. — São Paulo: Paulinas, 1989. 50 pp., 22x15,4cm. ISBN 85-05-00986-X

Esta cartilha, resultante de uma semana de formação para agentes de pastoral da Diocese de Santarém (PA), apresenta material de informação sobre o sacramento do batismo (=B.). Divide-se em seis partes. A primeira é simplesmente a sugestão de que se faça um levantamento sobre a situação do B. nas comunidades em que se atua. A segunda apresenta a doutrina do B. na Bíblia. A terceira, a prática do B. através da história da Igreja. A quarta, a mesma no Brasil, abordando especialmente o B. para os índios e os escravos. A quinta trata da simbologia batismal (sinal da cruz, óleo, água, luz, veste branca, éfeta). A sexta traz algumas conclusões: sentido do B., conteúdos dos encontros de preparação ao B., sugestões para a celebração do B..

Causou estranheza ao recenseador a menção a "numerosos grupos batistas" contemporâneos a João Batista (12). Será que os AA. estão pensando nos essênios e no B. de prosélitos? Então a forma de expressar-se não é feliz. — Mt 28 é traduzido: "batizando-os em nome da Santíssima Trindade" (16). Por que? — Estranho o esquema da p. 20, sintetizando os dados neotestamentários sobre o B.. Tomando literalmente o que lá está escrito, o leitor entende que a libertação e o Reino só se fazem presentes na história pela Igreja; e mais especificamente: pelos sacramentos. — À p. 27, a ordem do ritual primitivo do B. não deveria ser: banho — unção — eucaristia? — Ao esquematizar a celebração do B. segundo Hipólito é anacronismo falar de óleo do crisma, quando o texto fala de "óleo de ação de graças" (item 4); no item 5 não deveria ser imposição das mãos *ou* unção, mas *e* unção.

F. T.

KONINGS, Johan: *Jesus comunica o Pai: o evangelho de João explicado ao povo.* / São Paulo: Paulinas, 1989. 113 pp., 18x13cm. ISBN 85-05-01005-1

O A. é bastante conhecido nos meios eclesiais através de suas inúmeras publicações no campo da pesquisa bíblica, litúrgica, enquanto liturgia ligada à Palavra de Deus, e espiritual, especialmente a espiritualidade do militante cristão.

O presente opúsculo nasceu como subsídio para o mês da Bíblia/89, no qual será estudado o evangelho de João, em conexão com a Campanha da Fraternidade/89, cujo eixo foi a *comunicação*. Assim se entende o próprio título do livreto, onde Jesus é apresentado como o comunicador do Pai. Os dois eventos supracitados não condenarão o presente opúsculo a tornar-se obsoleto quando eles acontecerem. Ao contrário, o livrinho de JK, a qualquer tempo, será um instrumento útil para as comunidades desejosas de penetrar nos meandros do texto joanino.

A "explicação" popular do evangelho de João prima pela simplicidade, sem cair no popularesco. O especialista deixa de lado a linguagem técnica rebuscada e os detalhes irrelevantes para falar o essencial. Todavia, o conjunto do texto revela a

profundidade com que JK domina o texto joanino. De maneira objetiva, ele vai conduzindo o leitor pelos atalhos do texto de João, lendo-o capítulo por capítulo, versículo por versículo, dividindo-os segundo o esquema geral do evangelho. Assim o leitor pode dispor da riqueza literária e teológica do evangelho de João, as quais nem sempre são perceptíveis à primeira vista. A linguagem, o método, os esquemas, as explicações inseridas nos "boxes" são totalmente aderentes ao seu objetivo.

Esperamos que o público visado pelo presente comentário de João — o "povo" das CEBs, dos grupos de reflexão e aprofundamento bíblico, dos movimentos populares... — possa se beneficiar sobejamente deste opúsculo.

Jaldemir Vitório S.J.
